



China e Rússia à conquista do Polo Norte

Cooperação faz soar alarmes de ameaça nuclear russa. Pequim está interessada em navegação e recursos



Texto **HÉLDER GOMES**
Infografia **JAIME FIGUEIREDO**

A cooperação entre a Rússia e a China no Ártico representa uma ameaça nuclear crescente. O alerta é de Liselotte Odgaard, perita em geopolítica do Ártico no Instituto Hudson. Há mais de uma década que os dois países tentam estabelecer uma posição estratégica na região, mas “só agora os Estados Unidos e os seus aliados começam a despertar para os riscos”.

Um episódio “sem precedentes” fez soar os alarmes: o Comando de Defesa Aeroespacial da América do Norte interceptou, em julho, dois bombardeiros russos e outros dois chineses sobre o Alasca. Dois dias antes, o Pentágono advertira que o reforço da cooperação sino-russa no Ártico poderá ter impacto na estabilidade regional. A Rússia reabriu centenas de instalações militares da era soviética no Ártico, enquanto a China, que se descreve como Estado “quase Ártico”, já tornou pública a intenção de construir uma Rota da Seda Polar. Pequim está de olho nos recursos minerais e em no-

vas vias de navegação, à medida que as camadas de gelo derretem com o aumento das temperaturas.

Onde entra a preocupação com o nuclear? “A China é capaz de construir navios quebra-gelo e dispõe de melhor vigilância por satélite no Ártico do que a Rússia, pelo que é um fator essencial para a maior presença desta”, diz Odgaard ao Expresso. Acresce que será aberta “uma rota de transporte de contentores ao longo da costa russa do Ártico”, a operar o ano todo, e “todos os navios são de dupla utilização” — ou seja, os porta-contentores podem transportar “sistemas de armas e mísseis escondidos no convés”.

Com o apoio da China, a Rússia fica mais habilitada para “vigiar o que se passa” e “proteger os seus submarinos com mísseis estratégicos à volta do Mar de Barents”, ao largo da costa norte da Noruega e Rússia. Estes submarinos dão a Moscovo “várias

opções” para atingir os Estados Unidos.

NATO sem estratégia

Localizado na ponta mais setentrional da Terra, o Ártico é formado por partes da Noruega, Suécia, Finlândia, Rússia, Estados Unidos, Canadá, Dinamarca e Islândia, mas poucos assumem “responsabilidades efetivas de patrulhamento e proteção”. A Suécia e a Finlândia preocupam-se mais com o Mar Báltico, devido à proximidade com a Rússia. Na Dinamarca, há a questão da autonomia da Gronelândia.

Face à ausência de investimento dos aliados em navios de guerra com valências de quebra-gelo, antissubmarinas e antiaéreas, “os submarinos russos podem navegar do Mar de Barents até à zona entre Svalbard (arquipélago norue-

guês no Ártico) e a Escandinávia, depois até ao gelo flutuante ao longo da costa leste da Gronelândia e, sob o gelo, chegar ao Atlântico”. Uma vez no Atlântico, os Estados Unidos terão dificuldade em detetá-los, adverte. E, enquanto o espaço aéreo da Gronelândia estiver “tão mal vigiado”, a deteção de um míssil pode ser “demasiado” tardia, o que constitui “uma ameaça real”.

A NATO não tem estratégia para o Ártico, porque alguns Estados-membros argumentam estar fora do âmbito do Atlântico Norte, preferindo

Porta-contentores russos podem transportar “armas e mísseis escondidos no convés”, alerta perita

concentrar-se no leste europeu, onde a ameaça parece mais imediata. Na cimeira de julho, porém, os Estados Unidos anunciaram uma mesa-redonda para preencher estas lacunas de defesa, porque “finalmente” passaram a encará-las como “uma questão de defesa interna”. Odgaard saiu da cimeira de Washington com a convicção de que “os Estados Unidos não vão esperar que a NATO decida se quer uma estratégia para o Ártico”. Vão avançar com “aliados selecionados” para “mitigar a ameaça nuclear russa”, com ou sem envolvimento de toda a Aliança Atlântica.

Degelo e navegação

Cátia Miriam Costa, investigadora no Centro de Estudos Internacionais do ISCTE, não estabelece relação direta entre a cooperação sino-russa e uma maior ameaça nuclear, tanto mais que “o uso militar da tecnologia nu-

clear acabaria com o Ártico”. Vê, sobretudo, “uma grande competição pelo alargamento da esfera de influência dos Estados com acesso direto ao Ártico”.

Com a Rota da Seda Polar, Pequim aposta na ideia de que “o degelo vai permitir a navegabilidade permanente do Ártico, o que encurtará brutalmente as distâncias no Hemisfério Norte”, afirma ao Expresso. Este novo trajeto reforça o do Mar do Norte, ao longo das costas árticas da Noruega e Rússia. A Passagem do Noroeste faz-se igualmente entre o Atlântico e Pacífico, através das vias navegáveis que atravessam o arquipélago ártico do Canadá.

A Rússia ajuda a China a aceder a “um território que lhe está vedado”, enquanto conta com “um parceiro tecnologicamente forte”. A cooperação é “mais um sinal” de pragmatismo quando se identificam “interesses comuns”. É “evidente”, todavia, que a Europa e os Estados Unidos “nunca” tiveram interesse na “parceria sem limites” anunciada por Xi Jinping e Vladimir Putin, reconhece a investigadora do ISCTE.

hgomes@expresso.imprensa.pt